

Título:

Uma breve proposição: as linguagens da violência e suas formulações histórico-sociais em São Paulo.¹

Marco Antônio Bin

Aluno da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.²

¹Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Doutorando em Ciências Sociais da PUC, professor de Comunicação Comunitária da FAAP/SP.
Endereço eletrônico: marcobin@gmail.com

Resumo

O trabalho presente propõe trazer a lume os mecanismos que regem esse relacionamento *poder público–terceiro setor–comunidade*; os preconceitos que geram a segregação social na metrópole, ainda que haja um convívio em seus interstícios espaciais; como e de que forma a expressão viva da *Cultura local* interfere na organização do bairro (podemos aqui, pelas especificidades, utilizar a expressão *Comunidade*) e em que medida a *compreensão da realidade cotidiana* decorrente dessas ações culturais estruturam o olhar e o envolvimento dos grupos sociais periféricos como forma de visibilidade social.

Palavras-chave: periferia; segregação social; mobilização; cultura local.

Introdução

Desejo concentrar minha atenção nesta apresentação em um dos bairros periféricos de São Paulo que despontam numa espécie de *vanguarda* criativa, onde grupos de jovens se mobilizam, buscando *a superação das barreiras que, no âmbito da comunidade, impedem o desenvolvimento do ser humano enquanto ser coletivo*³. Mobilizam-se, espraiando uma forma de organização social muito característica do ‘pedaço’, e que em um certo sentido, se multiplicará em outras ‘ações comunitárias’ em distintas partes da periferia paulistana. Objetivam a participação e a integração da juventude local a partir de projetos culturais próprios, produzindo uma linguagem (via movimento hip-hop, jornais eletrônicos, rádios comunitárias, literatura ‘marginal’, dentre outros) e a construção de um olhar que rompe com a visão hegemônica do centro econômico da metrópole, estimulando a compreensão de mundo a partir do lugar de convívio.

Breve histórico

Se em um primeiro momento da escalada desenvolvimentista de São Paulo, nos fins do século XIX e princípios do século XX, ela se aproveita da expansão cafeeira no interior

³ Maria Luíza de Souza, in *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*.

do estado para tornar-se um entreposto comercial e financeiro por excelência, temos que nos meados do século passado uma outra onda de crescimento impulsionará vertiginosamente seu desenvolvimento, e que decorrerá da implantação da indústria automobilística, na região do ABC. Esse evento nos interessa sobretudo para iniciarmos a discussão sobre a formação social de nossa periferia urbana, sua evolução e a situação vigente tal como a conhecemos hoje em dia. Se há cem anos, naquele primeiro momento de desenvolvimento, tivemos a participação de uma intensa corrente imigratória proveniente de várias partes, sobretudo da Itália, Oriente Médio e Japão, no momento seguinte à implantação da indústria automobilística sobrevém uma intensa migração interna, proveniente em grande parte do nordeste brasileiro. Será em essência *uma mão-de-obra não qualificada que, partindo das zonas agrárias mais atrasadas do país, põem-se em contato com formas sociais e urbanas mais avançadas e racionais do Brasil*⁴. A São Paulo da garoa transforma-se: a escalada de sua indústria paulatinamente aprofunda a escala de seus problemas sociais. Do olhar poético, de Guilherme de Almeida e de Sylvio Floreal, o cotidiano perde os laivos detalhistas de seus cronistas apaixonados para lançar-se de modo quase abrupto à rudeza dos percalços existenciais que podemos acompanhar, por exemplo, no filme de Luiz Sérgio Person sobre a São Paulo do automóvel⁵.

Os anos 70, a retomada da mobilização política.

O golpe militar de 1964 representou um duro golpe nas instituições democráticas brasileiras. Ocorreram perdas nas conquistas sociais, projetadas sobretudo na qualidade no ensino público, nas relações trabalhistas, nos direitos políticos. A censura nos meios de informação e nas atividades culturais foi outra dura imposição ditada pelo novo sistema político. Paralelamente, a população urbana brasileira prosseguia crescendo vertiginosamente, em decorrência da forte migração proveniente das regiões menos desenvolvidas. No caso de São Paulo, para essas massas migratórias o trabalho na indústria concorria com os fartos postos na então aquecida construção civil. Logo sobreviria a bonança do “milagre econômico” e o conseqüente êxtase da classe média. Os problemas de

⁴ Comentário do narrador no documentário *Viramundo*, de Geraldo Sarno, 1965.

⁵ Trata-se do filme *São Paulo S/A*, 1965.

moradia, transportes, trabalho e serviços urbanos em geral nos bairros populares acentuavam a ambigüidade então experimentada de crescimento econômico e pobreza social.

O cerceamento e o controle da ditadura à retomada da atuação política em larga escala proporcionou “as movimentações silenciosas” como sinal de pequenas resistências no cotidiano, como nos diz Eder Sader, o gradativo reaparecimento do sujeito coletivo, que a partir de experiências populares, dará uma nova dinâmica no processo de reorganização dos movimentos sociais. Na desconfiança às instituições políticas tradicionais, valorizam-se as ações (e por que não dizer a autonomia) nos novos espaços políticos, tornando essa prática “uma verdadeira aquisição e produção de conhecimentos”⁶, proporcionando a irrupção do “novo sindicalismo”, forjado nos novos movimentos de bairro, “associações comunitárias onde a solidariedade e a auto-ajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva”⁷. Esse estudo de Éder Sader torna-se relevante na medida que buscamos compreender melhor o espírito das *associações comunitárias* formadas nos anos 70 e princípios dos 80.

Anos 80 e 90

Um dos principais aspectos mobilizadores dos moradores da periferia desde os anos 70 foi a autoconstrução da casa própria. Sem contar com qualquer programa de financiamento pelo poder público, os trabalhadores compravam um lote e passavam anos expandindo e melhorando a construção. Ao longo dos anos, os bairros recebem melhorias de infra-estrutura e tornam-se caros para a população empobrecida. Os terrenos valorizam-se e como consequência ocorre a “expulsão dos mais pobres aos limites da cidade (...), tornando a autoconstrução mais difícil e levando boa parcela da população mais pobre a viver em favelas ou cortiços”⁸. Algumas regiões atraem a presença da riqueza, reformulando o padrão espacial de segregação social, estimulando a construção de condomínios fechados e estabelecendo assim os contrastes da *cidade de muros*.

⁶ Prefácio de Marilena Chauí in *Quando novos personagens entraram em cena*, pg. 13.

⁷ Sader, Éder, *Quando novos personagens entraram em cena*, Paz e Terra, pg. 36.

⁸ Caldeira, Tereza, *Cidade de Muros*, Ed. 34/Edusp, pg. 240.

É nesse contexto que temos, simultaneamente, a descrença nos direitos humanos (governos Quéricia e Fleury) com o aumento da violência e o colapso das instituições da ordem (polícia e judiciário) e o surgimento de uma mobilização cultural entre os jovens da periferia onde, ao mesmo tempo em que torna visível as carências e os problemas da realidade social, promove uma consciência cidadã na comunidade, estimulando uma alternativa de percepção e ação no mundo.

A cidade febril e o medo.

No livro de Sidney Chalhoub, *Cidade Febril – cortiços e epidemias na Corte imperial*, desponta um aspecto relevante trazido de nossa sociedade do século XIX, transcorrido nos debates na Câmara dos Deputados e que de alguma maneira persiste nos dias de hoje, qual seja, a *relação de classes pobres com classes perigosas*. Ou, conforme explícito no texto: “Assim é que a noção de que a pobreza de um indivíduo era fato suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial teve enormes conseqüências para a história subsequente de nosso país”⁹ E dentre essas classes perigosas, sobressaiam os negros, como suspeitos preferenciais. Quando Vera Malaguti comenta a forte repressão ocorrida após a Revolta dos Malês, em 1835, vemos como o medo e a suspeição (com reações violentas) em relação aos negros permaneceram e espocaram pelas cidades brasileiras. Chalhoub nos traz a violência contra o Cabeça de Porco, cortiço carioca destruído já na era republicana. A truculência se justificaria por ter sido um cenário de luta dos negros contra a escravidão. Novamente a necessidade de se fazer terra arrasada contra um reduto revoltoso, contra a memória de um movimento social. Pois bem, tal ação teve como justificativa a existência do cortiço como um complicador para o controle social dos pobres e por ser uma ameaça para as condições de higiene urbana.¹⁰

Nosso olhar à favela e ao bairro da periferia inclui toda a sorte de desejos discriminatórios, que de um para o outro variam da necessidade de isolamento (guetificação forçada) à pura indiferença (distanciamento *protetor*). Em qualquer caso, subsiste uma certa e equívoca idéia de que são lugares habitados por pobres, e portanto, lugares perigosos. De

⁹ Chalhoub, Sidney, *Cidade Febril – cortiços e epidemias na corte imperial*, Cia das Letras, pg. 23.

¹⁰ Idem, *ibidem*, pg. 31.

Pirituba a São Mateus, passando pelo Capão Redondo, a mesma compreensão generalizada e reforçada por reportagens produzidas por programas televisivos que anseiam pelo espetáculo da violência, ou por artigos impressos que visam uma interpretação parcial das linguagens da violência urbana. Para Bauman, essa periferia abandonada pelo poder público e ignorada pela elite econômica denomina-se *gueto real* ou *verdadeiro*, que *não serve como reservatório de trabalho industrial disponível, mas como mero depósito (daqueles para os quais) a sociedade circundante não faz uso econômico ou político.*¹¹ Como contraponto aos guetos verdadeiros, ainda segundo Bauman, temos o surgimento dos *guetos voluntários*, que a pretexto de um ambiente seguro faz com que os *globais* enfurem em localidades denominadas homogêneas, sem o inconveniente do Outro, *especialmente um outro que teima em ser diferente, e por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos.*¹²

A cordialidade e as relações sociais na periferia.

O estudo de Sérgio Buarque de Holanda, através de seu *Raízes do Brasil* foi e tem sido importante na medida em que podemos compreender o caráter cordial que envolve nossas relações sociais. Como diz Maria Odila, “*O homem cordial* é a metáfora conciliadora das elites, preocupadas em atrair simpatias pessoais, em reforçar alianças de interesses particulares, familiares, oligárquicos”, e com isso impedindo com que haja uma discussão mais profunda acerca das diferenças sociais perenes em nossa sociedade. No caso da nossa periferia urbana, os grupos sociais se mobilizam em torno de movimentos culturais que permitem uma certa visibilidade e conseqüente inclusão social a partir (sobretudo) do movimento hip-hop, originalmente nascido nos guetos de Nova Iorque e que acaba assimilado, com tinturas locais, na periferia das nossas grandes cidades. É o grito dos excluídos, a tentativa de ruptura desse padrão de cordialidade, contra “a persistência do compadrio e de laços de relacionamento afetivo e pessoal”¹³.

A interação comunitária nesses casos estimula um espírito de camaradagem que, longe de se definir numa “ética de fundo emotivo”, voltado para uma aliança viciada de

¹¹ Bauman, Zygmunt, *Comunidade*, Ed. Jorge Zahar, pg.108.

¹² Idem, *ibidem*, pg. 104.

¹³ Política e sociedade na obra de S.B.de Holanda, por Maria Odila Dias, *in Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, pg. 27.

interesses particulares, se propõe à universalização dos direitos cidadãos. A ferramenta principal à disposição para essa finalidade é a *prática cotidiana de ações sociais*, voltadas para a parcela menos favorecida da população. Em outras palavras, o hip-hop transforma a percepção de mundo; a *guetificação social*, resultante da ação do poder econômico ao expulsar pessoas de pouco ou nenhum poder aquisitivo para as bordas do espaço urbano, permite com que estas se mobilizem em torno de uma *reação* concatenada pela música, pela dança e pela arte visual. É com essa *reação* que os *manos* enfrentam as rupturas decorrentes da desqualificação social. Os jovens dos guetos urbanos não encontram outra saída senão mobilizar-se diante da indiferença que o poder público e as classes que vivem no centro econômico insistem em tratá-los. Podemos aqui apontar a contradição das relações na desigualdade social: o grupo dominante se locupletando pela cordialidade em torno de seus interesses políticos e econômicos, restando ao grupo excluído articular-se internamente a partir de uma mobilização racional e fraterna, em busca de sua sobrevivência como cidadãos.

Conclusão – umas palavras mais a título de resistência social.

Conforme Chamboredon e Lemaire, há uma ilusão ao se pensar que a *proximidade espacial* seja por si um catalisador da convivência¹⁴. O que temos nesta mobilização (no caso em questão, em torno do hip-hop) é uma atuação política que visa, a partir de manifestações culturais, promover uma conscientização da realidade cotidiana. No seio do movimento, temos, por exemplo, a ação das *posses*, grupos formados por até 50 jovens, que geram redes de comunicação e atuação comunitária, voltadas para temas os mais variados como gravidez na adolescência, AIDS, consciência negra, dentre outros. Outras ações pululam nos espaços da periferia, basicamente promovidos por jovens (como rádios e jornais comunitários, centros de inclusão digital, fóruns de grêmios livres etc) e que visam atingir a consciência do outro, sempre num desprendimento de autopreservação, de tentativa de romper com o imobilismo comportamental que conduz ou ao tráfico ou à bandidagem. A segregação e exclusão promovida – ou na melhor das hipóteses permitida – pela sociedade circundante, acaba despertando na periferia-gueto o instinto por uma

¹⁴ In *La Crise des Banlieues*, Jean-Marc Stébé, Paris, PUF, 1999.

sobrevivência digna, por um sentimento de *participação social*, que dê aos seus moradores uma esperança a mais em insistir em sua luta cotidiana.

Bibliografia

- Bauman, Z. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2001.
- Batista, Vera M. *O medo na cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo, Ed. Revan, s/d.
- Caldeira, Tereza P. R. *Cidade de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Ed. 34/Edusp, 2000.
- Chalhoub, Sidney. *Cidade Febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo, Cia das Letras, s/d.
- Dias, Maria Odila. *Política e Sociedade na obra de S.B. de Holanda*, in *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.
- Holanda, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- Stébé, J.M. *La Crise des Banlieues*. Paris, PUF, 1999.
- Sader, Éder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.
- Souza, Maria Luíza. *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*. São Paulo, ed. Cortez, 1999.

Filmes citados

- *São Paulo Sociedade Anônima*, direção de Luiz Sérgio Person, 1965.
- *Viramundo*, direção de Geraldo Sarno, 1965.